

Francis: Foucault e Sartre ajudaram a paralisar a cultura francesa • 5

# SEGUNDO CADERNO

Cinema: Diretor fala sobre Nicolas Cage em 'Despedida em Las Vegas' • 12

QUINTA-FEIRA, 28 DE MARÇO DE 1996

## O vôo brasileiro da nova águia do flamenco

As apresentações de Cortés lembram os shows de astros de rock

Elisabeth Orsini

Ele monopoliza as atenções no Teatro Apolo, em Madrid, atualmente. Seu corpo esguio, a pele morena, o olhar magnético e os movimentos sensuais atraem as fãs. A parafernália de luz e som de seus shows lembra a de um concerto de rock. Não, não se trata de nenhum astro *pop* e sim de Joaquín Cortés, dançarino de flamenco e o mais novo *sex symbol* espanhol. Ele chega ao Brasil em maio, numa promoção do GLOBO, para três apresentações no Teatro Municipal, e pretende fazer furor também por aqui.

É difícil não se deixar envolver por esse espanhol de 26 anos, que parece ter fogo nas veias. Seu espetáculo "Pasión gitana", que será trazido ao Rio, simplesmente escandalizou os puristas do flamenco desde que foi apresentado nos palcos espanhóis:

— Eles criticaram o excesso de luzes, a intensidade do som, os instrumentos estranhos ao flamenco tradicional e a coreografia que une flamenco ao balé, ao jazz e à dança contemporânea — conta ele. *Continua na página 2*

## O campeão

### Futebol-ficção pisa na bola logo na estréia

Rogério Durst

**TV**  
**CRÍTICA**

Futebol é a alegria do povo nos estádios, mas raramente é transportada para a ficção: cinema, literatura e TV. Pareceu uma grande idéia quando a Band anunciou que sua nova novela trataria do tema. A estréia de "O campeão" na segunda-feira, no entanto, pisou na bola. Até agora, pouco se viu de futebol na novela. O que apareceu foi uma trama tradicional de luta de poder e amores desencontrados desorganizada como pelada em ladeira.

"O campeão" teve um primeiro capítulo na segunda e outro da terça-feira. Na estréia, foi mostrado o que aconteceu há 15 anos, quando a jovem Maria Isabel Caldeira (Beth Goulart) conhece um jovem jogador de futebol, Renato (Licurgo Spínolla), e depois se apaixona por um gerrilheiro, Humberto (Chico Diaz). Envolvida em um seqüestro, ela foge do país e perde contato com o filho que foi levado por uma vizinha.

No segundo capítulo, começa tudo de novo. Nos dias de hoje, Maria Isabel volta ao Brasil no mesmo avião que Renato, já craque. Ao mesmo tempo, o pai da moça, Felipe Caldeira (Paulo Goulart) reúne a família para reforçar sua imagem de bom pai, já que disputa o cargo de presidente do clube Pindorama.

A novela já começou duas vezes mas está longe de engrenar. A bagunça até que é compreensível, quando lembramos que o fio condutor é um conto (!) de Aguiar Silva. Em dois capítulos, "O campeão" não se definiu, mas já abusou com atuações exageradas de Marília Pêra, Betty Faria e Carlos Eduardo Dolabella. No ritmo que está, temos de esperar os atores se acalmarem e as tramas se acumularem. Com uma boa base, a novela promete. Não pelas emoções futebolísticas, mas pela interessantíssima composição do clã de Felipe Caldeira. Paulo Goulart está ótimo trabalhando em família e seus parentes fictícios são os melhores tipos. ■



Cláudio Rossi/17-2-93

# Enfim sem o véu de fumaça

Gerald Thomas mostra peça autocrítica em festival

Luiz Fernando Vianna

Enviado especial • CURITIBA

De 1º de março até ontem — quando começou a montagem nos palcos — Gerald Thomas passou cerca de dez horas por dia se dividindo entre dois andares da Fábrika, uma antiga indústria transformada em centro cultural. No primeiro andar, o diretor ensaiava "Nowhere man", o espetáculo de sua Cia. de Ópera Seca que estréia amanhã, no Guarinhã, dentro do 5º Festival de Teatro de Curitiba. No segundo, preparava com Ney Latorraca e Edilson Botelho sua terceira versão da peça "Quartett", do alemão Heiner Müller, que estréia terça-feira no Teatro Fernanda Montenegro, já fora do festival. Menos do que a simultaneidade, impressiona nos espetáculos a retomada do vigor criativo de Gerald depois dos fracassos "O Império das meias verdades" e "Don Juan".

"Nowhere man" é a mais clara e direta encenação já feita por Gerald no Brasil. Temas fundamentais para o diretor, como o confronto entre o processo de globalização do mundo e a preocupação dos artistas com a idéia de nacionalidade, estão postos sem os disfarces presentes em outros trabalhos. O ator Luís Damasceno, para quem o espetáculo foi pensado como forma de comemorar seus dez anos de Cia. de Ópera Seca, chega a falar diretamente com a platéia, recurso de comunicação nunca antes usado pelo diretor. "Nowhere man" também é o mais autocrítico trabalho de Gerald. O personagem de Damasceno, seu *alter ego* explícito, se enreda nas armadilhas do próprio umbigo.

— O artista de hoje é um narcisista exacerbado, liga tudo ao próprio umbigo, e eu me incluo nesse caso — reconhece Gerald. — O artista está no centro da arena, enquanto antes o universo era o centro, e isso gerou um estrelismo brutal. É um espetáculo muito autobiográfico, autocrítico, mas também aponta saídas.

Uma das saídas que Gerald vê é exatamente a libertação do próprio umbigo. Outra é o uso sem culpas da globalização da cultura, sem restrições nacionalistas.

— O nacionalismo acaba dando em Bósnia e Auschwitz — afirma. — É preciso reconhecer que todo mundo lucra com tudo.

Embora fale sobre o tema há tanto tempo, Gerald acredita que tenha sempre criticado a globalização.

— Eu achava que essa exposição a tanta cultura provocava banalização, mas não há como fugir disso — acredita ele, dizendo-se cansado de também fazer parte dessa exposição global, inclusive fisicamente, já que não pára de viajar devido aos seus compromissos profissionais. — Estou cansado e quero voltar para a minha base, que é Nova York, onde está minha geladeira e minha conta de luz.

*Continua na página 4*

GERALD: DIRETOR reconhece narcisismo exagerado dos artistas de hoje e diz que quer voltar para Nova York